

perdida no descampado. Espectros de um ou outro homem ou mulher olhavam-me no carro parado, olhavam o silêncio em redor. Regressámos enfim pelo mesmo caminho. Quando, porém, chegámos ao *monte* do sementeiro, saltou-nos à frente um grupo de pessoas numa sarilhada de grãos, de imprecações, braços no ar, braços apontados para uma loja. Moura saiu do carro e o magote de gente seguiu-o. Fiquei só. Mas o médico regressava daí a pouco, pálido, transtornado.

— Que aconteceu?

Ele não respondeu logo, conduzindo o carro aos tropeços. E só quando o *monte* se não via já me declarou: — O homem enforcou-se.

VI

Senti-me embrutecido, atordado em todo o corpo. Era espanto e fúria e terror. Era essa indizível e total suspensão em que a absurda evidência nos esmaga pela absoluta certeza e absoluta impossibilidade. Sei e recuso. Uma violência iluminada incha-me no cérebro, estala-me o crânio como uma massa solar. Pensar, reflectir, como?, como? Apenas vejo, apenas *vejo*, fascinado, imóvel. Apanha-me todo e queima-me e endurece-me nas mãos enclavinhadas uma surda intoxicação: Moura, a meu lado, nada diz. A luz obscura da tarde parece-me que envelheceu. A gordura que lhe enchia a face feliz descaí-lhe agora para o pescoço em pregas flácidas. Os campos estendem-se a perder de vista, o ar acende-se de um último clarão. Que fazemos nós na vida? Que incrível pertinácia nos resolve numa ilusão toda a imensidade do milagre de estar vivos? Não vale então nada, meu velho desconhecido, esse prodígio de seres, em face de uma mão que não é já a de um sementeiro?

Tinha uma missão a executar, uma extraordinária notícia a transmitir. Precisava urgentemente de fazer a confissão, de revolucionar o mundo. Porque o mundo apare-

ciã-me sob a forma de uma absurda estupidez. Era necessário que todos os homens vivessen em estado de lucidez, se libertassem das pedras, chegassem ao milagre de *ver*. Era absolutamente necessário que a vida se iluminasse na evidência da morte. Viriam a chamar-me «mórbido», «doentio». Porquê? Mais real do que o nascer era o morrer. Porque quem nasce é ainda nada. Mas quem morre é o universo, é a pura necessidade de ser. Um homem só é feito, só se realiza até aos seus limites, depois de a morte o não poder surpreender. Não porque a tivesse decorado como um gato-pingado, não porque a tivesse esquecido, mas por tê-la incorporado na plenitude da vida. Sabia bem quanto era difícil já não digo esta aceitação esclarecida mas até o *ver* o problema, sofrer o impacto da sua fulgurante aparição. Eu próprio quantas vezes o esqueço! Quantas vezes me remordo em desespero, porque nada vejo, nada vejo! A parte animal do homem, a parte gorda, a que tem sono e quer dormir é brutalmente pesada.

Mas agora eu sei, eu vejo. Procuvo por isso o Chico na sua reparição. Não está: saiu para uma avaliação de prédios ou o exame de alguma construção. Procuvo-o no café depois das cinco: não está também. Vou enfim a sua casa. Mora ao pé de S. Francisco, numa casa que dá para o Jardim. Bato à porta: iam ver se o senhor engenheiro estava. E ele aparece enfim, de roupão e um cigarro entre os dentes. O quarto é grande e no rés-do-chão. Quando passam carroças na calçada, o soalho estremece. Passam constantemente carroças, mesmo a horas tardias. Ougo-as ainda agora, martelando toda a cidade, percorrendo em fila as estradas da planície. Levam fardos de palha moída, lenha para os fornos, azeite, louça de barro. E na minha imagem distante, filtrada pelo tempo, unem-se à figuração de um

peucu, ue um venure e race gorca, de notas de conto estro-
lhadas nas mesas do café à terça-feira, essas carroças rijas
com machos e almocreves, martelando a cidade de uma me-
mória de terra e de estrume. Chico pergunta-me:

— Então que há, professor?

Tratava-me por «professor», que era a fórmula mais
certa para ele de uma camaradagem tolerante. Eu tratava-o
por «Chico» e às vezes por «engenheiro».

— Pensei já na conferência — disse eu.

— Ótimo. Mas a coisa não vai ser fácil. Falei já com
os senhores da *Harmonia*, mas eles não se entusiasmaram.
De que vai você falar? De cortiça? De adubos? Não vai.
Bom, nesse caso está tramado.

— Vou falar de uma coisa nova, de uma descoberta
extraordinária.

— «Descobertas»? Então não é para a *Harmonia*: é para
a Academia das Ciências.

Fu fumava, nervoso. Um candeiro estampava a luz na
secretária, dissolvia o quarto em penumbra. Sentia-me pos-
suido da minha evidência e mal repariei assim na ironia do
engenheiro. Queria falar, tinha de falar.

— A minha descoberta destinava-se a toda a gente. Nem
é uma descoberta. Quero dizer: é a descoberta de uma
aprendizagem.

O engenheiro recostou-se na cadeira como um advogado
que se informa ao atender um cliente. Eu estava numa
situação de inferioridade e o que desejava não era uma tole-
rância mas uma comunhão. De súbito, porém, bateram à
porta. O engenheiro mandou entrar e quem apareceu foi
um moço meu aluno. Mostrou-se embaraçado com a minha
presença, prometeu sair logo.

— Podes ficar — disse o engenheiro. — O senhor doutor dá licença. É meu primo — acrescentou para mim.

Não dera ainda tal licença. Mas concordei. Era o Carolino, meu aluno de Literatura, moço bisonho, com a cara crivada de espinhas e a quem por isso os colegas chamavam o *Bexiguinha*.

— Lá passei no Redondo. O teu pai não estava — declarou o engenheiro ao rapaz. — Mas estava a tua mãe... Não acredito lá muito nessa história de mais livros. Mas mandou o dinheiro.

E passou notas ao rapaz, que as guardou em silêncio, corando fortemente. O engenheiro acendeu novo cigarro, recostou-se outra vez:

— Mas diga então, professor.

Não, amigo. Não é para essa tua fleuma abundante que eu tenho voz. Procura! O rasto da tua radiação divina, o lume secreto da tua aparição, onde está? Onde o perdeste, amigo? Em que recesso do teu ar monolítico? Trago o eco perdido do ermo de ti próprio. E tu, pobre *Bexiguinha* de olhos alagados de estupefação? És tu só então que me estás ouvindo? Mas de que falo eu, afinal? De que nada tão brutal de fúria e solidão? Descobri as raízes da minha vida, a flagrância do que sou. E falo, falo. O entusiasmo incendeia-me, as minhas palavras são já quase só vibração. Mas só talvez assim estejam certas, como um ferro em brasa que nos atinge não pelo ferro que é.

— A descoberta que proponho é bem difícil — insisti eu. — Não lhe contei ainda o caso do homem que se enforcou?

— Contou-me o Moura — disse Chico.

— Que foi? Que foi? — perguntou o *Bexiguinha* na

voz fina e cantada da sua terra e que assim o entrafuecia como a uma criança.

— Encontrámos um homem há dias, quando o doutor Moura ia ver um doente. O homem queixava-se de que já não tinha uma boa mão para semear. À volta, quando passámos outra vez pelo *monte*, o homem tinha-se enforcado.

Bexiguinha abriu os olhos e a boca.

— É preciso vencer esta surpresa que nestes casos nos esmaga. Ajustar a vida à morte. Achar e *ver* a harmonia de ambas. Mas achá-la depois de *sabermos bem* o que é uma e outra, depois de nos encandearmos na sua iluminação. Sábá: acaso o homem o milagre que destruíra? Mas eu sei.

— Como se sabe, senhor doutor? — perguntou-me o Carolino na sua voz ridícula, que tanto me desmanchava.

E de repente, em face do interesse do rapazinho, não dito em palavras mas expresso na sua avidéz, de novo me empolgou a fúria de *revelar*. Virei-me para o *Bexiguinha*, falei só para ele. E perguntei:

— Porque é que, no silêncio da noite, nos assusta falar em voz alta? Nunca fizeste essa experiência?

— Nunca fiz, senhor doutor — respondeu ele no seu tom de falsete.

Era preciso fazê-la. Mergulhados no silêncio nocturno, sentimo-nos não existir. O que existe é como que o absoluto do mundo, a presença aguda das coisas. O universo aguarda a vinda do primeiro homem. E subitamente gritamos: «Eu estou vivo, EU SOU.» E falamos connosco, fazemo-nos perguntas. Sobem-nos então à garganta uma surpresa de terror: «Quem sou eu? Quem está aqui comigo?» Dá vertigens. É como se nos aparecesse um fantasma e estivesse dentro de nós e fosse alguém *a mais* e visse pelos nossos olhos e falasse pela nossa boca. Só os doídos falam

sozinhos, porque não têm medo. O mundo para eles não existe: só existe a sua loucura. Por isso nós, se falamos, nos sentimos doídos, separados subitamente do mundo. O que existe então não é o quarto onde estamos, os livros, a noite; o que existe é este vulcão brutal que sai de nós, o jacto do deus que nos habita, esta monstruosidade que nos adormecia dentro.

Mas de súbito o telefone tocou. Chico ergueu-se pesadamente, foi atender.

— Como está? Sim... Não, não... Pois... Os aliceres... Pois... Os alicer... Não, eu já lhe tinha dito. Os aliceres é que ficaram mal.

Pousou o telefone, voltou-se para mim:

— Mas dizia você, professor...

Não, quadrado homem de ferro e de cimento. Não me entendes, não te entendo. Falo para ti, *Bexiguinha*.

— Há uma outra experiência — disse eu. — Uma vez, quando era miúdo...

Contei. Nós estávamos sentados na varanda da casa, voltada a oriente. Tomávamos o fresco, o dia fora abradador. Detrás da serra a lua ia em breve aparecer e nós esperávamo-la quase em silêncio. Só meu pai me repetia a história dos astros, que eu guardava na memória: Antares, Altair, Deneb, gigantes vermelhas, órbitas no grande vazio dos espaços. A lua veio enfim. Eu sentara-me no chão, mas apetecera-me deitar-me ao comprido para ver melhor as estrelas. E minha mãe mandou-me ao quarto procurar a manta e a almofada dos nossos sonos no campo. A porta estava aberta, a lua entrava por uma das janelas. Procurei a manta e a almofada numa cadeira, no canto onde minha mãe a arrumava. Subitamente, porém, quando ia a erguer-me, eu vi que estava alguém mais no quarto. Dei um berro,

larguei tudo, estatelei-me no corredor. Aos meus gritos acudiu minha mãe, meu pai, meus irmãos, as criadas, a tia Dulce. E ali, à face de todos, declarei:

— Está um ladrão no meu quarto.

A minha mãe arrebarou o candeeiro a uma criada e todos fomos atrás dela. Mas, iluminado o quarto, examinados os recantos, o ladrão não apareceu.

— Oh, a imaginação desta criança! — exclamou minha mãe.

Sernão sobre a minha imaginação. Meu pai aproveitou a oportunidade para atacar o malefício das historietas que nos contava a velha tia Dulce. Aliás, quem mais as escutava era precisamente eu, não tanto então, durante a minha infância, como mais tarde, quando vinha a fétias e desentulhava do sótão, das lojas, dos cantos das arrumações, velhos vestígios de outrora — jornais, fotografias, algumas bem recentes, pois já eu figurava nelas, mas que para mim tinham já a distância ilimitada do passado.

Subitamente, meu pai teve uma ideia:

— Onde é que viste o ladrão?

— Ali.

— Põe-te lá onde estavas. Olha agora em frente.

Olhei. Quem estava diante de mim era eu próprio, reflectido no grande espelho do guarda-fato. Meu pai pôs-me a mão na cabeça com a sua protecção. Minha mãe voltou a lamentar a minha fantasia. E o meu irmão Evaristo fez rir toda a gente, porque se pôs diante do espelho a fingir medo:

— Um ladrão! Olha um ladrão!

Regressámos à varanda, tia Dulce regressou à grande sala batida do luar e a cujas janelas rezava as suas contas. A lua vogava agora em pleno céu. No grande silêncio, os

ralos e os grilos frisavam a noite de gritos. No ar pairavam ainda as crepitações do calor, com uma memória de cigarras estalando à luz do sol... Eu, porém, relembrava o meu susto à súbita presença de *alguém* que agora sabia ser eu. A hora de deitar meu pai ordenou-me:

— Tu vais-te deitar sozinho. Tu és um homem.

Desde sempre, dormíamos cada irmão em seu quarto. Cumpri o dever de ser homem e dei-tei-me sozinho, tendo o cuidado de não olhar para o guarda-fato. Mas no outro dia, assim que me levantei, colloquei-me no sítio donde me vira ao espelho e olhei. Diante de mim estava *uma pessoa* que me fitava com uma inteira individualidade que vivesse em mim e eu ignorava. Aproximei-me, fascinado, olhei de perto. E vi, vi os olhos, a face desse alguém que me habitava, *que me era* e eu jamais imaginara. Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa *mais*, que me excedia e me meia medo. Quantas vezes mais tarde eu repetiria a experiência no desejo de fixar essa aparição fulminante de mim a mim próprio, essa entidade misteriosa que eu era e agora absolutamente se me anunciava.

Calei-me enfim. Uma carroça retardatária atrouou toda a calçada. Pelos vidros das janelas via a massa nocturna do Jardim, imaginava o busto de Florbela, colocado ali há pouco tempo, numa manhã clandestina, agora meditando sobre o seu pesadelo. Chico fumava ao eco das minhas palavras. Carolino tinha ainda a boca aberta, todo petrificado. Por fim o engenheiro falou:

— Tudo isso, professor, é muito grave.

— Grave como?

— Grave. O que você propõe é pura e simplesmente o

regresso à pedra lascada...

— Lascada?

— ... porque o homem *sabe* que existe já desde então.

— É falso. E que o soubesses? A verdade é que o não sabe hoje. Tenho a certeza.

Chico endireitou-se, fez peito. Era tremendo a fazer peito. Porque tudo se me deslocava para uma questão de músculos.

— Vivemos numa época formidável — disse ele. — A única verdade a conquistar é a de que todos os homens têm direito a comer.

— Quando é que afirmei que o homem deve passar fome? Mas, se em todas as épocas se tivesse só pensado na melhoria económica, hoje não seríamos homens: seríamos apenas máquinas. O meu humanismo não quer apenas um bocado de pão; quer uma consciência e uma plenitude.

Béxiguinha olhava-nos, ora a um ora a outro, como num jogo de pingue-pongue. Chico interpelou-o:

— Tu que pensas?

O moço estremeceu, abriu znais os olhos, num raio de loucura:

— Eu acho bem, eu... Eu já tinha pensado. Às vezes, lá em casa, ponho-me a pensar: o que é que sentirá uma galinha?

— Uma galinha? — perguntou o engenheiro.

— Sim. Uma galinha. Penso assim: «Se eu fosse galinha?» E o que o senhor doutor contou, isso do espelho, também já tenho pensado. A gente às vezes brincava a fazer caretas ao espelho. Às vezes fazia uma coisa que não devia fazer. E depois chegava ao espelho, fazia caretas e era mesmo como se me estivesse a ralhhar a mim próprio. Depois ficava melhor. Mas falar alto para mim nunca falei.

Ficámos todos embarçados. *Bexiguinha* olhou-nos, estupefacto do nosso embarço e talvez do seu.

Até que o engenheiro abriu todo em gargalhada para restabelecer a normalidade:

— Com que então, Carolino, uma galinha...

— Eu não sei porque é que te ris. A gente pensa: «Se eu fosse um cão? Se eu fosse uma galinha? Uma galinha tem um olho para cada lado, por exemplo, e tem aquela coisa dura que é o bico. E depois a galinha dorme empo-leirada num pau e não cai.»

— Bem, bem. Temos galinha que chegue. Trata mas é de não gastares o dinheiro dos livros em paródia. E esquece a galinha. Pensa, por exemplo, na vaca, para variar.

— Mas a vaca também é um bicho esquisito.

Eu estava atônito. Porque sentia em Carolino, através do que havia nele de estranho, uma inquietante separação de si, não sei se para um encontro lúcido consigo, se para uma união de loucura. Precisava de conversar com o pobre *Bexiguinha*. Ele não era decerto um louco. O modo de falar era trôpego, ridículo no seu esganicado de falsete, e isso é que sobretudo perturbava. Mas o telefone retiniu de novo. Chico foi atender.

— ... Não, não me esqueci. Atrasei-me só um pouco. Tive visitas. Ainda cá estão... O professor e o Carolino. Sim... Até já.

E para nós:

— Com a história da galinha, esqueci-me de que tenho galinha em casa dos Cerqueiras.

— Então vão sendo horas — lembrei eu, levantando-me.

— Vão sendo horas — concordou Chico, erguendo-se também.

Carolino, vexado a sangue, com as espinhas mais visíveis, saudou o primo brevemente e saiu comigo. Estava uma noite nítida, com estrelas de vidro. No largo, deserto, à luz dos candeeiros, a igreja de S. Francisco erguia a sua massa negra entre as fachadas brancas dos prédios. E as janelas iluminadas na pequena colina sugeriam um presépio à minha memória de Inverno.

— Onde moras tu, Carolino?

— Na Rua da Mouraria.

— Vou contigo. Damos uma volta aqui por baixo.

Gostava de percorrer as ruas silenciosas, emaranhadas como uma alucinação. Numa ou noutra janela armava-se ainda o pau com o fio da roupa branca. Das tabernas, com meias-portas fechadas, vinha um eco sujo de luz fosca e de sarro.

— O senhor doutor acha que o que eu disse era assim para rir? — perguntou-me subitamente o *Bexiguinha*.

— Bem, Carolino; nós temos muito que conversar. O que disseste não é nada uma tolice. Quando era múdo senti uma coisa parecida com um cão. E com um gato. E com outros bichos. Descobri neles o começo de uma pessoa. O cão chamava-se *Mondégo*. O António matou-o.

— Quem era o António?

— Um criado.

Percorriámos o labirinto de ruas em todos os sentidos. Mercarias escuras como grutas com uma luzinha ao fundo, antros de carvoeiros, interiores de casas iluminadas para lá das cortinas, namoros oblíquos de esquina — toda aquela zona da cidade se cruzava de segredo e de suspeita.

— Também fiz outra experiência, senhor doutor. — Que experiência?

— Bem... Não sei como explicar. É assim: *mastigar as palavras*.

— Mastigar as palavras?

— Bem... É assim: a gente diz, por exemplo, *pedra, madeira, estrelas* ou qualquer coisa assim. E repete: *pedra, pedra, pedra*. Muitas vezes. E depois, *pedra já* não quer dizer nada.

Como, Carolino? Sabes então já a fragilidade das palavras, acaso o milagre de um encontro através delas conosco e com os outros? E saberás o que há em ti, o que te vive, e as palavras ignoram?

— Quantos anos tens tu?

— Dezassete.

— Gostas de fazer versos, de escrever?

— Nunca fiz versos, nunca escrevi. Gosto é de pensar.

— Tu percebeste o que eu queria dizer?

— Percebi tudo, tudo, tudo. Vou pensar muito nisso. Fazer assim: pôr-me bem no centro de mim e ver-me, sentir-me bem de dentro para fora, descobrir a *persona* que está em mim.

Afinal, deixei o *Bexiguinha* na Praça do Giraldo. Eu tinha ainda de ir ao Nazaré antes que a iviraria fechasse.

VII

Loge no dia seguinte eu soube que a nossa conversa em casa do engenheiro tinha sido largamente comentada em casa dos Cerqueiras. Eu subia a Rua da Selaria para o Liceu, parara um pouco diante de um cão que todos os dias ali estava na rua, ladrando para uma janela até lhe atirarem de lá um osso. Era decerto um cão vadio, com o seu pêlo surrado e olhos lacrimejantes. Eu próprio lhe trouxera esse dia um bocado de pão, que o desgraçado apanhou com infinito fastio: tinha o seu regime de ossos, não apreciava decerto o pão. Foi quando à minha beira travou uma fúrgoneta e descobri ao volante o Alfredo Cerqueira.

— Então, doutor, a alimentar os animaizinhos... O doutor já tem um cão, temos de arranjar uma galinha para o Carolino...

Tinha o seu sorriso repuxado, de orelha a orelha, como uma figura de Bosch. E logo abrindo-me uma porta:

— Entre, doutor, que eu levo-o ao Liceu.
Entre, instalei-me.

— Já sabe então da história — disse eu.

— O doutor sabe lá o que isso foi. Já há muito tempo